



Questões Filosóficas e Desafios Políticos e Pedagógicos na Educação do Campo¹

Cuestiones Filosóficas y desafíos políticos y pedagógicos

en la Educación do Campo

Rafael Rossi²

Resumo

O presente texto é fruto de nossa intervenção no Seminário Estadual da Educação do Campo em Mato Grosso do Sul, envolvendo uma questão que se propõe a debater politicamente a importância de se pensar no método quando discutimos a educação do campo. Esta reflexão a respeito do método é de extrema importância, já que também permite pensar no desafio de continuar sendo fiel à história de luta, resistência e proposição da classe trabalhadora que protagoniza o Movimento da Educação do Campo. Para isto, é preciso analisar a história de constituição das lutas que envolvem este debate, além da mediação necessária entre educação do campo e questão agrária na contemporaneidade, avançando para a explicitação dos desafios inerentes nesta caminhada que deve ser trilhada de modo coletivo, crítico e emancipatório de todos os trabalhadores.

Palavras-chave: Educação do Campo; Materialismo Histórico e Dialético; Classe Trabalhadora; Questão Agrária.

¹ Texto base de palestra proferida no “II Seminário Estadual da Educação do Campo em MS: Um projeto em construção” ocorrido nos dias 15 e 16 de agosto de 2014 na UFMS em Campo Grande – MS.

² Doutorando em Educação na UNESP/FCT de Presidente Prudente – SP e docente do curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFMS em Campo Grande – MS. E-mail: r.rossi@ufms.br



Resumen

Este texto es el resultado de nuestra intervención en el ámbito de la educación del Seminario Estadual de Mato Grosso do Sul, que involucra un tema que se propone discutir políticamente la importancia de pensar en el método cuando se habla de la educación del campo. Esta reflexión sobre el método es sumamente importante, ya que también nos permite pensar el reto de seguir siendo fiel a la historia de la lucha, la resistencia y la propuesta de la clase obrera que protagoniza el Movimiento de Educación del Campo. Para ello, es necesario examinar la historia de la constitución de las luchas que implican este debate, junto con la mediación necesaria entre la educación rural y la cuestión agraria en la época contemporánea, avanzando a la explicación de los desafíos inherentes a este viaje que deben ser recorridos por colectivamente, crítica y emancipador de todos los trabajadores.

Palabras clave: Educación del Campo; Materialismo Histórico y Dialéctico; Clase de Obrera; Cuestión agraria.

Introdução

Em uma de suas Elegias de Hollywood, Brecht escreveu:

*A aldeia de Hollywood foi planejada de acordo com a noção
Que as pessoas desse lugar fazem do Paraíso. Nesse lugar
Elas chegaram à conclusão de que Deus,
Necessitando de um Paraíso e de um Inferno, não precisou
Planejar dois estabelecimentos, mas
Apenas um: o Paraíso. Que esse,
Para os pobres e infortunados, funciona
Como inferno.*

A frase de Brecht permite iniciarmos uma primeira reflexão... Há lugar para agricultura camponesa e agronegócio no campo brasileiro? A educação do campo está desvinculada destas



temáticas? O campo brasileiro é um “paraíso” pra todos? Entendo estas reflexões, e outras que caminham neste mesmo sentido, enquanto raciocínios de proposição e de politização coletiva de temáticas, dificuldades, desafios e aprendizados que a classe trabalhadora camponesa, os movimentos sociais da terra, vários pesquisadores e outros lutadores e lutadoras vêm construindo nesta rede articulada de denúncia e anúncio – na perspectiva freireana – e que se chama Movimento da Educação do Campo.

Em segundo lugar, precisamos ter em mente que tratar de um tema como este “*questões filosóficas e desafios políticos e pedagógicos da educação do campo*”, envolve uma série de temáticas e discussões que não seriam possíveis de serem profundamente tratados neste momento, em função do espaço que dispomos. Vários modos poderiam ser utilizados para tratar deste debate... A escolha que fiz se relaciona à defesa de uma perspectiva materialista histórica e dialética na educação do campo, enquanto uma escolha política, teórica e metodológica de imprescindível importância para que as práticas educativas nos distintos espaços (o da universidade, do movimento social etc.) possam ser efetivamente fiéis aos interesses e lutas da classe trabalhadora e dos povos do campo, sendo, portanto, concretamente uma educação *do* campo e não *para* o campo.

Desta forma, tentarei abordar uma reflexão que permita apreender a importância do estudo do método na educação do campo, avançando para uma reflexão e mediação necessária com o panorama da questão agrária brasileira contemporânea e, por fim, apontando alguns desafios que temos a lidar na garantia e defesa da educação do campo enquanto um projeto coletivo, contra hegemônico, que pensa em outro modelo de desenvolvimento agrário e outro modo de produção.

O método é importante para pensarmos a educação do campo, pois ele constitui a maneira como “andamos”, como “vivenciamos e olhamos” a realidade, enfim, o modo como tratamos a pesquisa e o tema abordados. Dessa maneira, apontamos o método materialista histórico e dialético como potencialidade teórica e prática na educação do campo, pois permite tratar da vida material e concreta em suas lutas históricas dos povos do campo, levando em consideração as disputas concretas e ideológicas presentes nesta dinâmica em seu processo eminentemente



contraditório e dialético. Isso, por sua vez, não está disponível de imediato a todos os trabalhadores por uma série de motivos. Dentre esses motivos temos a ideologia capitalista que procura “esconder, abafar e camuflar” as injustiças que o agronegócio produz e reproduz. Assim sendo, é este o trajeto que iremos trilhar aqui a fim de exercitarmos, cada vez mais, uma discussão preocupada com a transformação qualitativa dos padrões societários excludentes da atualidade.

Educação do Campo: Método e Mediação

*“E eu pergunto aos economistas políticos,
aos moralistas, se já calcularam o
número de indivíduos que é
forçoso condenar à miséria,
ao trabalho desproporcionado,
à desmoralização,
à infâmia, à ignorância crapulosa,
à desgraça invencível,
à penúria absoluta,
para produzir um único rico.”
(José Saramago)*

O amplo processo histórico de luta dos camponeses na defesa da educação do campo em todas as etapas de formação do ser humano, instigando e problematizando políticas públicas em escala municipal, estadual e federal; têm permitido compreender: 1) o entendimento a respeito do protagonismo dos movimentos sociais da terra e da classe trabalhadora camponesa organizada na luta pelo direito à Educação e demais direitos sociais, 2) a diferença dos conceitos de educação **do** campo e *para* o ou *no* campo, mesmo que em vários contextos estes termos sejam usados como sinônimos; 3) o entendimento da histórica luta de resistência e proposição proativa dos camponeses na luta por seus direitos e em explicitar as desigualdades da questão agrária, comprovando a *democraticidade* presente no projeto popular de reforma agrária construído pelos povos do campo e 4) a relevância em nos atentarmos para os conflitos e possamos comprovar as contradições e desigualdades entre os modelos de desenvolvimento agrário que se contrapõem (agronegócio e agricultura camponesa).

**1º CONGRESSO NACIONAL
DOS TRABALHADORES
RURAIS SEM TERRA**

Um & Não Negar
+2000
BIBLIOTECA

**terra para quem
nela trabalha**



**curitiba • paraná • brasil
29 a 31 de janeiro de 1985**

Fonte: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/cartazes>

Explicitamos em Rossi (2014) as diferenças entre a educa o *do* campo, partindo da classe trabalhadora camponesa e da educa o *para* o campo intencionada por grupos ligados ao agronegócio e que não apresentam perspectiva de emancipa o do homem e da mulher campon es. Embora o conceito “educa o do campo” seja recente, em constru o e queira delimitar um campo teórico, epistemológico e político próprio; por se relacionar   questão agrária e esta envolver uma série de conflitos e disputas materiais e imateriais, o mesmo ocorre conceitualmente quando outros setores (em geral privados) se utilizam da mesma terminologia para seus projetos educativos, mesmo quando estes diferem radicalmente da proposta política e pedagógica emancipatória camponesa. No entanto,   de extrema relevância que o educador e pesquisador saibam diferenciar e separar “joio do trigo” e, inclusive e, sobretudo, apontar essa apropria o indevida e descarada do conceito de “educa o do campo” por elites agrárias em suas



ações mercadológicas na área educacional. Dizemos que essa tarefa é de extrema relevância, para não incorreremos na ingenuidade de acreditar que exista uma educação do campo a partir dos trabalhadores e uma educação também do campo, na perspectiva do agronegócio. Isso não só ajuda a reforçar a panaceia no entendimento deste conceito perante indivíduos e setores da sociedade civil que ainda estão em processo de formação de opinião quanto a esta temática, como não reconhece e se esquece da histórica luta dos camponeses nesta área, pois desde o documento síntese do Fórum Nacional de Educação do Campo de 2012³, consta uma noção de educação em que se defende o “do campo”:

A Educação do Campo está vinculada a um projeto de campo que se constrói desde os interesses das populações camponesas contemporâneas. Portanto está associada à Reforma Agrária, à soberania alimentar, a soberania hídrica e energética, à agrobiodiversidade, à agroecologia, ao trabalho associado, à economia solidária como base para a organização dos setores produtivos, aos direitos civis, à cultura, à saúde, à comunicação, ao lazer, a financiamentos públicos subsidiados à agricultura familiar camponesa desde o plantio até à comercialização da produção em feiras livres nos municípios e capitais numa relação em aliança com o conjunto da população brasileira. (Manifesto à Sociedade Brasileira do Fórum Nacional de Educação do Campo de 2012, grifo nosso.)

Além deste documento, vale realmente a pena lembrar-nos das considerações de Israel José Nery no caderno no. 02 da coleção “Por uma Educação básica do Campo” em que os autores muito bem explicam a inovação em se falar em “do campo”:

Há no campo um expressivo movimento pedagógico, com experiências escolares inovadoras coladas às raízes populares, às matrizes culturais do povo do campo. **A educação escolar ultrapassa a fase "rural", da educação escolar "no" campo e passa a ser "do" campo. Está vinculada a um projeto democrático popular de Brasil e de campo.** Realiza-se uma relação visceral entre as mudanças na educação e os ideais do Movimento Social. Vai-se, portanto, além da "escolinha de letras" (ler, escrever, contar) para se trabalhar participativa e criativamente um projeto de Brasil, um projeto de Campo, resgatando e valorizando os valores culturais típicos do povo do campo. Há uma mobilização local, regional e nacional procurando garantir uma "educação básica do campo", portanto com novos conteúdos, novos processos pedagógicos, novo enfoque na tarefa dos professores, das professoras, das famílias, da comunidade e dos próprios educandos. (NERY, 1999, p. 06, grifo nosso)

³ Documento disponível em: <<http://www.gepec.ufscar.br/textos-1/textos-educacao-do-campo/forum-nacional-de-educacao-do-campo-manifesto-a-sociedade-brasileira/view>> Último acesso: jul.2014.



Portanto, trata-se também de uma questão de método utilizado para pesquisar este fenômeno educacional: levo em consideração o movimento histórico e seus conflitos e aprendo com eles ou os ignoro e não me preocupo com as implicâncias sociais, políticas e ideológicas do trabalho que desenvolvo. O Dossiê MST Escola (2005, p. 234) não deixa dúvidas quanto a esta temática: “não basta ter escola no campo; **tem que ser uma escola do campo**”. Assim o é com outros conceitos: enquanto os movimentos sociais camponeses defendem a *soberania alimentar*, o Estado e outros setores argumentam em prol da “segurança alimentar”; ou com relação ao próprio conceito de *camponês*, pois para uma corrente teórica ele se metamorfoseou em agricultor familiar e para outra ele se recria e reproduz, pois faz parte do processo de desenvolvimento desigual e contraditório do capital, que justamente ao reproduzir-se, reproduz também de forma ampliada suas contradições, implicando em face desse processo, na criação capitalista de relações não capitalistas de produção, como presente na reflexão de Oliveira (1986). Por isso a importância em o pesquisador explicitar as divergências entre cada termo e conceito, para ajudar a disseminar posicionamentos teóricos e políticos conflitivos, pois quando escrevo sobre educação do campo e questão agrária, não devo escrever somente para um leitor academicamente qualificado que permita um debate aprofundado sobre os conceitos e a discussão que pretendemos construir. Devo escrever também instigando a participação e envolvimento dos próprios trabalhadores, explicitando todas as contradições que a ideologia do agronegócio – entendida enquanto constituinte da ideologia capitalista – tenta esconder e abafar. Assim, mesmo que o termo “educação do campo” seja usado por alguns setores relacionados ao agronegócio, cabe a nós, pesquisadores e pesquisadoras, diferenciar e explicitar as divergências entre os termos e os possíveis interesses presentes na lógica de apropriação dos conceitos por parte da ofensiva do capital.

Como já nos dizia Gramsci: “O fato mais importante que descobrir novas verdades é revelar e socializar verdades existentes que podem ser transformadas em bases de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral.” (GRAMSCI, 1978, p. 13). Também preciso escrever a partir dessa experiência praxica, já que: “O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade.” (MARX, 1996, P. 54), isto é, escrevo a partir de uma diversidade de opiniões e uma pluralidade de vivências que foram



adquiridas e vivenciadas a partir do meu envolvimento com a classe trabalhadora camponesa e profissionais dessa área temática, portanto *síntese de múltiplas determinações* e como tal, necessitamos refletir sobre a disseminação do trabalho que desempenhamos. É como se perguntássemos a nós mesmos: “Quão longe dos muros universitários pretendemos que nossas reflexões – que jamais se fizeram somente a partir de nós mesmos, mas sempre junto aos outros - se democratizem?”

Assim sendo, vale a pena lembrar com Marx que: “toda ciência seria supérflua se a forma de manifestação [a aparência] e a essência das coisas coincidissem imediatamente” (MARX, 1985, III, 2, p. 271). Isso pode ser relacionado diretamente ao debate da questão agrária brasileira, já que todas as desigualdades, perversidades e contradições inerentes ao agronegócio não estão diretamente acessíveis a todos os trabalhadores. É a pesquisa militante que trata de explicitar e disseminar tais contradições, pelo uso da ciência a partir dos interesses dos próprios trabalhadores, nos fazendo ir além da aparência que a ideologia do agronegócio dissemina e nos aproximando – radicalmente – da essência desta dinâmica, num esforço de aproximação também da totalidade deste movimento.

Por isso é importante nos atentarmos na educação do campo para uma visão dialética em contraponto à perspectiva idealista e metafísica. Como nos dizia Cury:

Uma visão dialética do homem e de seu mundo histórico-social implica conceber os dois termos da contradição (indivíduo-sociedade) de modo a rejeitar tanto a concepção que unilateraliza a adaptação do indivíduo à realidade do status quo, como a que propõe a realidade como um dado estático. Mas, além disso, implica conceber a realidade social como efetivo espaço da luta de classes, no interior da qual se efetua a educação, rejeitando a impositividade da dominação, como o espontaneísmo das classes dominadas. (CURY, 2000, p. 13)

O ponto de vista da dialética não separa e fragmenta os processos, como se fossem eles mesmos autônomos em si. Ao contrário, os relaciona e reflete sobre a contradição que os movimenta e isso ocorre já que, a transformação, por sua vez, é uma categoria inerente à realidade. Por isso, a totalidade é, como nos ensinava o próprio Marx, a priori como um todo desarticulado, mas por meio do pensamento e método materialista (que considera as condições



concretas e reais de produção e reprodução da vida e das relações sociais) histórico (que se pressupõe a entender a História para além da “decoreba” de fatos e datas, mas sim a partir da luta entre os contrários) e dialético (que articula ao invés de separar), podemos apreender uma compreensão mais radical da realidade, aumentando com isso as chances de uma transformação mais consciente e organizada da mesma. Assim é que o conceito de práxis, tal como presente na obra freireana, é de absoluta pertinência, por se relacionar à necessidade de envolvimento prático nas lutas e mobilizações dos trabalhadores e por chamar a atenção para a importância da teoria neste processo. Assim, precisamos lembrar que: “A totalidade não é um todo já feito, determinado e determinante das partes, não é uma harmonia simples pois não existe uma totalidade acabada, mas um processo de totalização a partir das relações de produção e de suas contradições”. (CURY, 2000, p. 35)

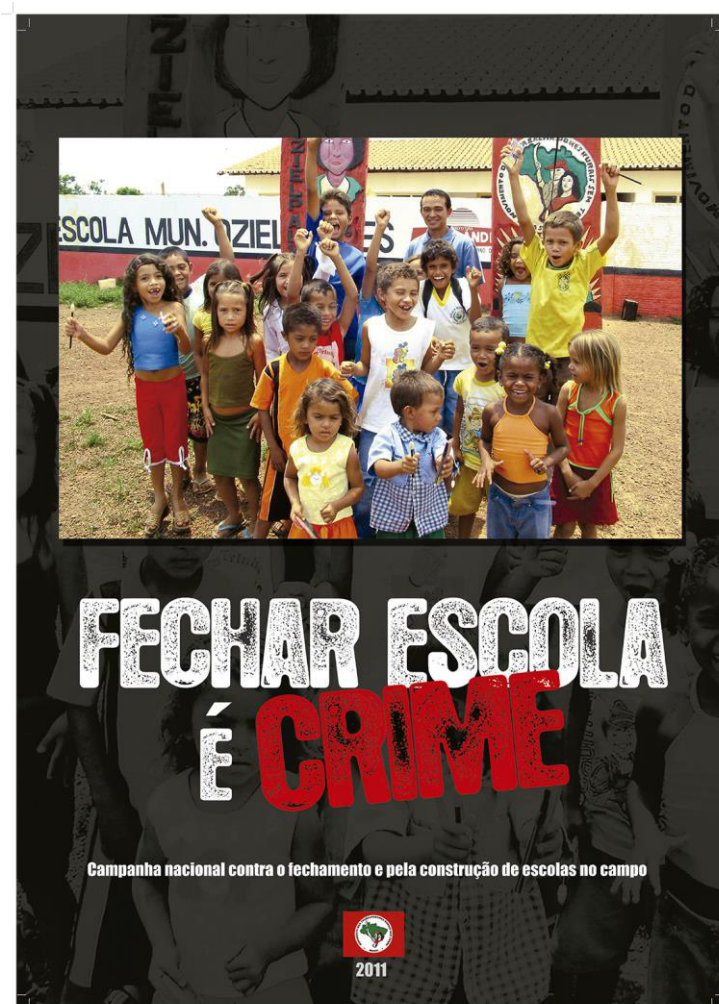
Lukács (1974) já chamava a atenção para esta perspectiva, quando explicava que:

Não é o predomínio de motivos econômicos que distingue de maneira decisiva o marxismo da ciência burguesa, mas o ponto de vista da totalidade. A categoria da totalidade, o domínio universal e determinante do todo sobre as partes constituem a essência do método que Marx recebeu de Hegel e transformou de maneira original no fundamento de uma ciência inteiramente nova (LUKÁCS, 1974, p. 105)

O trecho de Lukács (1974) é importante, pois há uma crítica antiga já, que comumente é feita ao marxismo, atribuindo a este um “determinismo econômico” na explicação dos processos sociais e culturais. Na realidade, esta crítica é facilmente refutável quando recorremos à reflexão sobre o método do materialismo histórico e dialético presente nas pistas que Marx nos deixou e na interpretação qualificada de autores que se dedicaram à profunda análise da obra marxiana como é o caso de Lukács.

Feitas essas ponderações, é preciso entender que a dinâmica de luta da educação do campo efetivamente a partir dos interesses, cultura e modo de vida da classe trabalhadora e dos povos do campo, vêm sendo ameaçados pelo modelo de desenvolvimento agrário do agronegócio. Este modelo, cada vez mais, têm imposto uma acentuação das desigualdades na questão agrária brasileira. Exemplo disso é o fato de que 40 mil proprietários rurais, controlam 40% das terras e

elegem 120 deputados federais, sendo que a agricultura familiar corresponde a 12 milhões de pessoas e elege apenas de 10 a 12 deputados federais, some-se à essas discrepâncias o fato de que o Ministério da Agricultura receber 10 vezes mais recursos para cuidar do agronegócio que o Ministério do Desenvolvimento Agrário recebe para cuidar da agricultura familiar. Não é por acaso que de acordo com o censo escolar de 2013, de 2003 a 2012 mais de 29.000 escolas foram fechadas no campo e este panorama tem impulsionado a mobilização da campanha nacional “Fechar escola é crime!”, protagonizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST.



Fonte: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/cartazes>



Some-se a isso o fato de que a participação do capital internacional no agronegócio brasileiro pulou de 16% em 1995 para 57% em 2005, fazendo com que os processos de “estrangeirização do espaço agrário” (termo utilizado por pesquisadores da área) ou “land grabbing”, “el acapariamiento de tierras” tenham aumentado, expulsando e expropriando indígenas, quilombolas, camponeses e trabalhadores rurais de seus territórios originais. Deste modo, precisamos considerar e entender que não há espaço para o agronegócio e a agricultura camponesa conviverem “em paz” no campo brasileiro, conforme a ideologia capitalista tenta nos convencer a todo instante, em músicas, propagandas comerciais, festividades etc.

A ideologia capitalista não nos aproxima da totalidade, não trabalha com as contradições e não explicita as desigualdades sociais. Justamente por isto ela não é dialética e nos restringe ao plano da aparência dos fenômenos e não sua essência. Contudo, não podemos entender a ideologia apenas como um conjunto de ideias, pois como Iasi nos recorda:

Caso a ideologia fosse apenas um conjunto de valores e ideias que nos são impostas coercitivamente pelos aparatos de produção e disseminação do conhecimento e, portanto, também pela educação, a resposta seria contrapor a essa educação, uma educação revolucionária pensada a partir de conteúdos e formas distintas da educação conservadora. (IASI, 2013, p. 70)

Iasi (2013) elabora o trecho acima, tomando como base o próprio argumento marxista de que as ideias dominantes na sociedade são propriamente as ideias das classes dominantes. Assim, o autor deixa claro a importância do embate no plano teórico e das ideias, contudo, há que se reverter na prática a situação de dominação, rumo a uma sociedade sem classes sociais e sem a exploração do homem pelo homem.

Não se trata apenas de um conjunto de ideias que se impõem como dominantes. Elas são dominantes, já que são da classe dominante, mas a classe só é dominante porque se insere em relações sociais de produção historicamente determinadas que as colocam no papel de dominação. Ora, a tarefa ficou mais difícil, pois se as ideias que constituem uma ideologia são expressões das relações de dominação a superação delas pressupõe a superação destas relações. (IASI, 2013, p. 70-71, grifo nosso)

Deste modo, entendemos que é preciso lutar cada vez mais pela transformação da questão agrária e do modo de produção capitalista, numa compreensão e prática revolucionária e não



reformista, para que a ideologia do agronegócio e do capitalismo não sejam mais dominantes. Além disso, sem tais ideologias e as opressões que ensejam, o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas pode, enfim, tornar-se uma opção concreta e real e não apenas um discurso. Nos aproximar da totalidade, por meio da análise e luta das contradições, não implica apenas uma luta dos povos do campo, mas de todos os trabalhadores cada vez mais conscientemente organizados e engajados.

Considerações Finais: Desafios e Inquietações

*Ao contrário da filosofia alemã,
que desce do céu para a terra, aqui é da terra que se sobe ao céu.
(Marx e Engels em A Ideologia Alemã)*

O debate que propomos tenta explicitar a importância de estudos, pesquisas e formação acadêmica que se baseia nos conhecimentos científicos acumulados ao longo da História pela universidade por meio viés do materialismo histórico e dialético, porém articulados diretamente à realidade de luta e recriação camponesa frente ao contexto desigual e contraditório da questão agrária na atualidade em sua relação com o modo de produção capitalista. Esta vinculação contribui significativamente para a diminuição entre uma teoria que se separe da realidade e um ativismo que se baseie num espontaneísmo sem reflexão histórica e crítica, retomando assim a discussão sobre práxis presente em Freire (1987). Tal vinculação também é fundamental, pois ajuda a refletir em pesquisas que se dispõem a trabalhar “em favor dos interesses dos camponeses”, pois para efetivar tais interesses é preciso lembrar tanto da defesa de sua cultura popular e da democratização dos conhecimentos científicos, quanto da preocupação que os camponeses manifestam com relação à questão agrária e ao modo de produção capitalista.

A ideologia de que o agronegócio é o único capaz de ser “sustentável” e “benéfico” para todos, não se sustenta quando a pesquisa militante expõe suas contradições.



Por um agronegócio sustentável

Fonte: <http://www.abag.com.br/>

A educação do campo, assim sendo, não deve ser pensada apenas em seus aspectos pedagógicos, mas *junto* à articulação crítica da totalidade que abrange e se relaciona. Por fim, gostaria de lembrar um trecho da carta de Manuel da Conceição, em julho de 1968, em São Luis do Maranhão, três dias depois de ter sido baleado numa emboscada na região de Pindaré Mirim. Esse trecho, considero como uma resposta coletiva de milhares de homens, mulheres, crianças, jovens e idosos do campo que sofreram e sofrem com os desmandos de coronéis, latifundiários etc. Em decorrência do atentado, a perna ferida de Manuel teve de ser amputada... *“Aos que pensam que arrancaram minha perna, quero dizer que se enganam, minha perna é minha classe!”*

Referências Bibliográficas:

ARROYO, Miguel G.; FERNANDES, Bernardo M. **A educação básica e o movimento social do campo** – Col. Por uma Educação Básica do Campo, vol. 02. Brasília: DF, 1999.

CURY, Carlos R. J. **Educação e Contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

IASI, Mauro Luis. **Educação e consciência de classe: desafios estratégicos**. Revista Perspectiva, v.31, n.01, p. 67-83, 2013.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe – estudos de dialética marxista**. Porto – Portugal: Publicações Escorpião. 1974

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro III, Tomo II. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

OLIVEIRA, A. U. **Modo Capitalista de Produção e Agricultura**. São Paulo: Ática, 1986.

ROSSI, Rafael. **Educação do Campo: Questões de Luta e Pesquisa**. Curitiba: CRV, 2014.